

# EDITORIAL

---

Iara Vieira Coimbra Diniz; Leandro de Alencar Rangel;  
Leonardo César Souza Ramos; Marcos Paulo Alves Pinto de Carvalho\*

---

**A**s relações internacionais são um lugar de fronteiras. Isso pode ser averiguado quando tomamos para apreciação seu vasto campo de atuação e estudos. Das tradicionais relações de poder entre os Estados nacionais às ameaças ao meio ambiente, passando pelas relações diplomáticas e os conflitos de guerra, um conjunto de outros sujeitos e objetos atravessa, o tempo todo, o campo das relações internacionais. De um lado, estabelecendo direitos e deveres no âmbito das garantias individuais e coletivas, regras e padrões de convivência e cooperação internacional, promovendo trocas e diálogos de experiências multiculturais etc.; do outro lado, estimulando a interdisciplinaridade com outros campos de saber além das ciências sociais e humanas. O resultado é o alargamento das fronteiras das relações internacionais.

Em meio a tudo isso, as relações institucionais, envolvendo docentes e discentes, em território nacional e internacional, aparecem como um outro lugar de significativa importância na criação de novas relações sociais, agora colocadas nas “fronteiras” dos cursos de graduação em Relações Internacionais.

As relações internacionais têm uma longa e complexa história que não podemos explorar, neste momento. No entanto, assumindo o debate sobre as fronteiras, é preciso que se diga o quanto essa iniciativa é tributária de um processo iniciado séculos atrás com a formação do chamado “Sistema Internacional”.

Para muitos historiadores, o Tratado de Westfália (1648) representa o momento de nascimento das relações internacionais. Com ele, surge uma nova concepção de “equilíbrio de poder” entre os Estados nacionais emergentes, agora não mais baseada no poder divino dos reis. Aos poucos, a crença em uma mesma raça, uma mesma língua, costumes comuns e autodeterminação jurídico-políti-

---

\* Graduandos em Relações Internacionais pela PUC Minas.

co-econômica dentro de um espaço territorial ganharam no mundo ocidental o reconhecimento de uma nova unidade de poder: o “Estado nacional soberano”.

Nesse novo cenário, pensadores de todas as partes do mundo começam a voltar os olhos para um novo objeto de investigação: as Relações Internacionais. Até aquele momento, o tema não havia sido explorado suficientemente como um sistema de estrutura política *sui generis* das relações de poder entre os Estados e seus agentes internos. Com a introdução dessa nova e poderosa estrutura de poder, a arena dos conflitos nacionais começa a se materializar, trazendo de vez a questão internacional para a pauta do dia.

O próprio termo “internacional” só foi usado formalmente pela primeira vez em 1789, quando da publicação da obra **Introdução aos princípios de moral e legislação**, do jurista e filósofo inglês Jeremy Bentham (1748-1832), ao substituir a expressão “Direito das Gentes” por “Direito Internacional”. A primeira cátedra de Política Internacional foi criada na Universidade de Gales (Inglaterra), em 1919; enquanto a expressão “Relações Internacionais”, significando campo e objeto de estudo, procede dos Estados Unidos. E, desde então, os assuntos relativos à ordem política internacional ganharam o *status* de “Relações Internacionais”.<sup>1</sup>

Em outras palavras, as Relações Internacionais despontam como um campo de conhecimento e disciplina autônoma no primeiro quartel do século XX, quando o mundo clamava pela resolução de diversos problemas de cunho bélico-militar e prático. A humanidade via-se diante de graves dificuldades relativas à regulação das ações estatais concernentes ao emprego da força, problemas com relação à regulação do comércio internacional, questões difíceis ligadas ao fluxo internacional de pessoas, além de diversos outros problemas de cunho prático que careciam de uma intervenção quase que imediata da comunidade internacional. As dificuldades decorrentes disso levaram Quincy Wright a escrever que “as relações internacionais como uma disciplina que contribui para a compreensão, previsão, avaliação e controle das relações entre os Estados e das condições da comunidade mundial são ao mesmo tempo uma história, uma ciência, uma filosofia e uma arte” (Wright, 1995, trad. livre). Se, à primeira vista, essa indefinição da área causa um certo incômodo, por outro lado mostra o potencial do campo.

O fim da chamada Guerra Fria trouxe consigo uma ampliação na percepção dos fenômenos e problemas relativos ao campo das relações internacionais, atingindo vários atores nacionais em diversas partes do mundo. Como bem ob-

---

<sup>1</sup> Para melhor apreciação dessa questão, ver Burton (1972).

servou Raymond Aron, “foi esse fenômeno das duas grandes guerras que mais propiciou a autonomia desse campo de estudo chamado Relações Internacionais, porque cada um dos intervenientes, agentes ou atores dessas relações se reserva o direito de recorrer à força própria para a defesa do que considera o seu interesse ou o seu direito”. (Aron, 1967, trad. livre)

Daí a crescente necessidade de investigação dos processos de troca e negociação que têm lugar entre os Estados nacionais, entre os grupos sociais e os indivíduos que não partilham de uma mesma herança política, social, cultural e econômica. Somados a tudo isso, a crescente densidade do Sistema Internacional como uma esfera complexa de ação política e interação regional, o alargamento das próprias Relações Internacionais com o surgimento de novos atores no cenário mundial, a consolidação dos blocos de interação econômica, a relevância acentuada das corporações transnacionais que, mesmo destituídas de soberania, conseguem influenciar o referido sistema, acentuariam o sentido prático envolvido nas relações internacionais. Tudo isso levou alguns analistas a concluírem, como J. W. Burton (1973), que “el tratar de estudiar las Relaciones internacionales como una disciplina autónoma con un campo de estudio propio, ha sido el fruto de consideraciones de tipo práctico más que de carácter teórico”.

Logo, as mudanças recentes no cenário mundial têm provocado a ampliação do mercado de trabalho, exigindo um novo profissional com sólida formação teórica e espírito prático. Mas, mais do que um novo perfil profissional em relações internacionais, é de um novo espaço que se está falando aqui, senão de uma nova “fronteira”.

No Brasil, o estudo das Relações Internacionais somente recebeu a devida atenção a partir da segunda metade da década de setenta. Até então, historiadores, juristas, economistas, sociólogos e jornalistas tentavam explicar, de forma difusa e espaçada, o desempenho brasileiro no cenário internacional. É inegável a contribuição desses profissionais convertidos às relações internacionais, como, por exemplo, a publicação de alguns dos mais expressivos periódicos na área, tais como: a **Revista Brasileira de Política Internacional** (fundada em 1958 por Oswaldo Trigueiro, através do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais), a **Revista de Ciência Política** (da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro), a **Revista Brasileira de Estudos Políticos** (da Universidade Federal de Minas Gerais).

Foi fundamental para o crescimento quantitativo e qualitativo das reflexões acerca do internacional a criação dos cursos de graduação em Relações Internacionais. Isso possibilitou o alargamento do campo de estudo das Relações Internacionais no Brasil, assim como contribuiu para a extinção do estigma de

que os problemas internacionais deveriam ser pensados exclusivamente por diplomatas, militares ou doutores renomados.

Em 1974, a Universidade de Brasília criou o primeiro curso de graduação em Relações Internacionais no Brasil. Esse curso seguiria solitário até meados da década de oitenta, quando a Universidade Estácio de Sá (RJ), seguida pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (SP) e pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), já na década de 90, dariam início aos seus cursos de graduação.

O que se viu depois disso foi uma explosão de cursos de graduação em Relações Internacionais em todo o país. Hoje, fica fácil constatar esse crescimento exacerbado do ensino das Relações Internacionais na graduação. Eduardo Valim (2001), em recente artigo, evidencia esse crescimento: “em 1995, criou-se a terceira graduação brasileira de Relações Internacionais. No último censo do ensino superior, de 1999, já eram 23. Hoje são quase 50 em atividade e a previsão é que o ritmo de crescimento continue acelerado”.

Pensando nessa expansão, o corpo discente do curso de graduação em Relações Internacionais da PUC Minas, com o apoio institucional da coordenação do curso, tem buscado colocar em prática várias iniciativas visando a criar mecanismos que propiciem um aprofundamento de atividades acadêmicas e práticas.

Essas experiências, acumuladas ao longo de diversas atividades, conduziram alguns alunos à criação de uma revista dirigida a todos os estudantes de graduação em Relações Internacionais do território nacional ou graduandos de áreas afins com pesquisas em Relações Internacionais.

Uma vez que a área apenas recentemente vem-se consolidando como um campo de investigação científica, esta revista visa a preencher uma lacuna comum aos cursos de graduação no país: a inexistência de um veículo de comunicação através do qual os estudantes de graduação possam tornar pública sua produção acadêmica, ao mesmo tempo em que se cria um espaço propício à atividade de iniciação científica.

**Fronteira** é uma revista de iniciação científica cujo objetivo principal é a produção de conhecimentos e reflexões sobre temas e problemas em relações internacionais, promovendo um debate permanente entre os estudantes de graduação e produzindo um diálogo mais amplo e profundo entre os cursos do país. Além disso, o periódico visa a uma harmonização dos cursos de Relações Internacionais no país, assim como à criação de uma rede de comunicações mais abrangente e fluente entre os mesmos.

A revista é aberta a todos os estudantes dos cursos de graduação que este-

jam desenvolvendo reflexões, pesquisas, monografias, trabalhos de conclusão ou em andamento na área de Relações Internacionais, não importando se os resultados são preliminares e parciais. O importante é ampliar o debate de assuntos da agenda internacional, trazendo a público artigos de interesse acadêmico e social. Os resultados esperados são, de um lado, uma melhor qualificação e compreensão de temas e problemas relativos à área; de outro lado, a “iniciação”, no sentido antropológico do ritual de passagem, do graduando no mundo do conhecimento científico via o caminho das Relações Internacionais.

Queremos agradecer a confiança e o apoio da Fundação Alexandre de Gusmão, do Ministério das Relações Exteriores, na pessoa da Conselheira Maria Lucy G. V. de Seixas Corrêa, por ter acreditado e financiado este projeto. Agradecemos também ao Reitor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Professor Pe. Geraldo Magela Teixeira, à Pró-reitoria de Extensão, na pessoa do Prof. Bonifácio José Teixeira, à Pró-reitoria de Pesquisa e de Pós-graduação, na pessoa da Prof<sup>a</sup>. Lea Guimarães Souki, à Coordenação do Curso de Relações Internacionais da PUC Minas, na pessoa do Prof. Paulo Luiz Moreaux Lavigne Esteves, além do Coordenador deste Conselho Executivo, Prof. Gilmar Rocha. Todos sempre receberam as demandas do corpo discente do curso de Relações Internacionais da PUC Minas de uma forma mais do que acadêmica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURTON, J. *World society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1972.
- WRIGHT, Quincy. *The study of international relations*. New York, 1995.
- ARON, Raymond. *What is a theory of international relations?* In: M. B. Conant, (trans. and ed), *Politics and History*. New Brunswick, N. J.: Transaction Books, 166-185, 1984. Originally Published in *Journal of International Affairs*, XXI, (2), 185-206, 1967.
- BURTON, J. W. *Teoria general de las relaciones internacionales*. Trad. Héctor Cuadro. Universidad Autónoma de México, 1973.
- VALIM, Carlos Eduardo. *Longe da diplomacia e mais próximos das empresas*. In: *Jornal Valor Econômico*. São Paulo, 11 de setembro de 2001.